

INTERVENÇÃO DE CARLOS LAGE NO SEMINÁRIO DO OBSERVATÓRIO DO QREN - AVALIAÇÃO E MONITORIZAÇÃO ESTRATÉGICA DO QREN – NOVAS PERSPECTIVAS E DESAFIOS, REITORIA DA UNL

16 DE ABRIL DE 2009 | LISBOA

Os programas e planos do QREN não devem ser encarados como uma espécie de planos de guerra: estratégias, táticas, metas e objectivos a conquistar; contagem das vitórias e derrotas e dos mortos sacrificados no combate.

Também não devem ser (estamos agora no plano ético) uma espécie de terreno de caça aos subsídios de Bruxelas.

Os apoios comunitários são instrumentos de solidariedade e, basicamente, destinam-se a reforçar a coesão no espaço comunitário e nacional, e contribuir para a convergência das regiões mais pobres com a prosperidade média do conjunto da União.

O seu êxito ou fracasso avalia-se, essencialmente, pelo critério da convergência, não se chamassem “regiões de convergência” aquelas a quem são destinados o grosso dos fundos estruturais.

É claro que esta afirmação é demasiado simplificadora; a monitorização estratégica e, muito menos, a monitorização operacional do QREN não pode ser assim tão redutora e limitar-se àquele exame final.

Os programas do QREN têm uma espécie de ciclo de vida: nascimento, crescimento, maturidade, velhice e morte e, até, sem metafísica, uma espécie de sobrevivência – como é o caso do QCA III que deveria cessar em 2007, mas que continua ainda por fechar. Esta metáfora biológica é um pouco fantasista tem, no entanto, o mérito de chamar a atenção para o facto de os ciclos de programação nascerem num certo contexto histórico, económico e social e passarem por várias etapas com exigências de avaliação algo diferentes.

Neste 4º ciclo de vida dos programas comunitários destinados a Portugal, o QREN 2007-2013, após o período de concepção e arranque já vencidos, emergem as questões que se prendem basicamente com as aprovações de projectos e candidaturas, seguindo-se a execução física e financeira, a produção de resultados e, por fim, os impactos materiais e imateriais. As avaliações vêm assim a sua centralidade deslocar-se, gradual e inevitavelmente, para a execução física e financeira e para a produção de

resultados. Vai-se passando da avaliação quantitativa para a qualitativa. É justamente esse o ponto em que nos encontramos no percurso do QREN, nomeadamente no Programa Operacional Regional do Norte, que acompanho mais de perto. Com efeito, o nível de aprovação de candidaturas é bastante elevado e a taxa de compromisso mantém-se em bom ritmo. Em contraste, a execução é minguada e, portanto, a produção de resultados é ainda escassa.

Relativamente à monitorização dita de “contexto”, lutamos desde o início com um défice de estatísticas económicas regionais, nomeadamente um considerável atraso na quantificação do PIB regional, já que em matéria de outros indicadores vão-se fazendo experiências bem conseguidas como é ilustrado pelo boletim trimestral “Norte Conjuntura” que se publica desde há dois anos.

A avaliação “on going”, é verdadeiramente a “Estrada de Damasco” da avaliação, consagrada no regulamento 1083/2006 (CE) e aconselha-nos a um primeiro exercício interno de avaliação dos dispositivos técnicos, financeiros e administrativos e de governação, no sentido de saber se estão estabilizados e funcionam bem. Temo-nos confrontado neste ponto com um irritante fenómeno de complexidade, para usar um eufemismo conveniente. É que estamos a falar de dispositivos subordinados a Regulamentos específicos, avisos de concursos, intervenções de organismos técnicos, contratualização com as comunidades intermunicipais, sistemas de informação, multiplicação e desdobramento de tipologias de investimentos que não obedecem, de maneira nenhuma, ao professado e auto-proclamado mandamento da simplificação.

É toda uma cultura de avaliação das políticas que está em causa, não apenas as financiadas circunscritas ao QREN, bem entendido, mas igualmente das políticas públicas directa ou indirectamente com aquelas relacionadas.

Não me querendo alongar, deixei para último lugar o contexto em que foi elaborado o QREN 2007-2013. Diferentemente do QCA III 2000-2006, que foi elaborado num cenário económico de euforia (em 1999/2000), que fixou metas de crescimento e convergência de um optimismo algo leviano – já que a evolução posterior demonstrou cruelmente o seu irrealismo - o QREN, ao contrário, foi concebido num contexto de estagnação e anemia da economia nacional e, até, de declínio de algumas economias regionais, o que desencorajou as tentações optimistas em que o seu antecessor caíra perigosamente.

Restaram-nos, pois, como horizonte no exercício prospectivo feito em 2007, as previsões da taxa de crescimento económico adoptadas pelo Governo para a legislatura que apontavam para uma trajectória gradual e sustentada de crescimento do PIB nacional até se alcançar um ritmo de crescimento de 3%,

em 2009. Sobre estas previsões fez-se, na Região Norte, um exercício de prospectiva, contando com o efeito indutor no crescimento da economia regional – derivado da injeção dos fundos comunitários – entre 0.5% a 1% a somar ao crescimento nacional previsto.

O ano de 2007 foi auspicioso, dado que a economia nacional cresceu 1.9% e o PIB da Região Norte atingiu um crescimento de 2,4%, segundo os dados provisórios do INE. Mas, como todos sabem, uma brutal crise atingiu o capitalismo ocidental e o céu caiu-nos em cima, tal como receavam os gauleses do “Astérix”.

A convergência neste cenário não sendo uma palavra vã, esvaziou-se de sentido, pelo menos até que a crise passe. Ironicamente só poderá ser conseguido da pior maneira, isto é, se as taxas de crescimento dos nossos parceiros da UE forem piores do que as nossas!

Todavia, há metas, objectivos e indicadores – que a monitorização estratégica vai acompanhar – que podem e devem ser atingidos. No combate à crise económica na sua vertente conjuntural devemos proteger-nos da tentação de abandonar a prioridade atribuída à competitividade e à inovação. Não devemos ficar desnorteados pelas previsões e projecções cada vez mais pessimistas, onde de momento não desponta um raio de luz, visto que o ciclo económico, como sempre aconteceu na história económica acabará por inverter-se.

Estamos numa situação que me faz lembrar irresistivelmente um diálogo do grande Woody Allen em que o entrevistador lhe perguntava:

“- Pode deixar-nos uma mensagem optimista?

- Não, não posso. Mas posso deixar duas mensagens pessimistas?”

Temos que prepara os tempos pós-crise. O QREN é, porventura, a melhor receita para o conseguir, pois a crise que estamos a viver, sendo grave, não é a crise mortal, se é que esta existe, da nossa sociedade e civilização.

Muito obrigado

Carlos Lage Lisboa, 16 de Junho de 2009